

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MÔNICA V. DELFINO RODRIGUES

**ADOCIMENTO E CANSAÇO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO:  
TRABALHAR É PRECISO; VIVER NÃO É PRECISO**

CURITIBA – PR

2016

MÔNICA V. DELFINO RODRIGUES

**ADOCIMENTO E CANSAÇO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO:  
TRABALHAR É PRECISO; VIVER NÃO É PRECISO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de MBA em Gestão de Talentos e Comportamento Humano da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como pré-requisito para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lis Andréa Pereira Soboll

CURITIBA – PR

2016

## **ADOCIMENTO E CANSAÇO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO: TRABALHAR É PRECISO; VIVER NÃO É PRECISO**

Resumo: O presente artigo examina os efeitos da centralidade do trabalho na vida cotidiana. A lógica do trabalho impregna todas as áreas da vida humana levando à introjeção da ética do resultado pelos indivíduos que compõem uma sociedade caracterizada pela demanda de maximização do desempenho. Assim, estar produtivo e rentável passa a ser o objetivo que dá significado a cada existência e cada pessoa terá de dar conta de gerir-se em um tempo que se apresenta como paradoxal, sombrio e incerto. Na sociedade do desempenho, cansaço e adoecimento são vividos solitariamente por aqueles entram 'em pane' frente às exigências de entregar cada vez mais e melhor os resultados esperados.

Palavras-chave: Trabalho. Sociedade do desempenho. Adoecimento. Cansaço.

Resumée: Cet article examine les effets de la centralité du travail dans la vie quotidienne. La logique du travail imprègne tous les domaines de la vie humaine menant à l'intériorisation de l'éthique du résultat par les individus qui composent une société caractérisée par la demande de maximisation du rendement. Donc, être productif et rentable devient le but qui donne un sens à toute vie et chaque personne devra rendre compte à gérer dans un temps qui se présente comme paradoxale, sombre et incertain. Dans la société du résultat, la fatigue et la maladie sont vécus individuellement par ceux qui paniquent en face des exigences de fournir plus et mieux les résultats demandés.

Mots clés: Travail. Société du résultat. Maladie. Fatigue.

### **1 INTRODUÇÃO**

O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma.  
(HAN, p. 71, 2015)

Em tempos de capitalismo leve ou tardio, experimenta-se de modo inédito uma liberação do corpo de seu lugar no trabalho. A tecnologia liberta os músculos, restringe a fadiga física e literalmente carrega os fardos. Para o tempo e a energia que ficam livres, nova destinação: superinvestimento psíquico.

Doravante, implicação, responsabilidade, intensidade, eficácia e produtividade serão cobradas à exaustão. A ética do resultado e a legitimação do poder gerencial serão a bússola para navegar em um mar de paradoxos e contradições de um mundo (do trabalho) que se afirma em estado de crise permanente. Para navegar nestas águas ditas turvas e revoltas, poucos referenciais. Saber-se navegando é sinal de não estar à margem e é, em si, recompensa.

Na sociedade do desempenho, todas as atividades humanas decaem ao nível do trabalho (HAN, 2015), ou melhor, a lógica do trabalho impregna todas as outras áreas da vida, o que se pode caracterizar como uma absolutização do trabalho. A obrigação interiorizada da ética do resultado com seu corolário de humanos produtivos e rentáveis individualizou-se: “o animal laborans pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se” (HAN, 2015, p. 43). A coerção, na atualidade, é introjetada fazendo com que cada um carregue consigo seu campo de trabalho (ou seria de batalha? Afinal, é espantoso como o trabalho tem sido cada vez mais comparado a um campo de guerra) em que se é, a um só tempo, prisioneiro e vigia, feitor e escravo. “Assim, acabamos explorando a nós mesmos. Com isso, a exploração é possível mesmo sem senhorio” (HAN, 2015, p.47).

Vive-se aqui o risco sempre presente de não ser suficientemente bom, não estar à altura. Esta ameaça é vivida como angústia e engendra novas patologias que são frequentemente dissimuladas pelos indivíduos para que não se coloque em cheque sua adesão e entrega à organização, ao sistema. O sintoma que é social – sociedade do desempenho – é vivido solitariamente como adoecimento individual daquele que entra ‘em pane’ frente às exigências de entregar cada vez mais e melhor os resultados esperados.

Esgotamento, depressão, adição ao trabalho (com síndrome de abstinência em finais de semana ou férias), adições diversas (endividamento por consumo, drogas, comida, redes sociais), incapacidade de sentir prazer, disfunções sexuais, incapacidade de se descontrair, úlceras, insônia são as formas que vão assumir as alterações que advêm do estresse e das exigências constantes e sempre crescentes.

As condições de trabalho adoecem ao provocarem um mal-estar difuso, muitas vezes inominável e que, frequentemente, só é percebido ao nível individual. “Uns se dopam para permanecer na corrida, outros se medicam para cuidar de suas feridas, e todos vivem com ansiedade e medo” (GAULEJAC, 2007, p.236).

Para a prevenção destes efeitos deletérios, nada de se atacar a ética do resultado ou se repensar as bases da sociedade do desempenho. O importante será aprender a gerenciar o estresse, a desenvolver técnicas de *mindfulness* que favoreçam o foco e o aumento da performance, fazer *coaching* ou ainda, estar em uma empresa do gênero Google com panaceias *à la carte* para aumentar o engajamento das subjetividades (trabalhe divertindo-se ou divirta-se trabalhando!).

Na contracorrente, o antídoto pode vir sob a forma de furos neste pesado tecido social; furos que afirmem o sentido da vida para além do consumo e da consumição de si, para além da estetização da imagem e do gerenciamento da existência. Apostas que, aqui e ali, recuperem o valor do ‘estar junto’, do brincar, do compartilhar a ideia de um futuro comum que chega pelas vias de um presente em que o trabalho seja apenas mais um entre os tantos meios de que dispomos para afirmar nossa existência.

## **2 ATUALIDADE: A PERDA DE UM SENTIDO COMPARTILHADO E O PRESENTE AMPLIADO**

A atualidade traz um desafio de proporções ainda desconhecidas para a esfera social: “assistimos a um fenômeno de perda progressiva do sentido, que leva a contrassensos, a antagonismos (o sentido de uns não é o sentido de outros), incertezas (não sabemos mais a qual sentido nos consagrar)” (GAULEJAC, 2007, p.151). Assim, “a secularização da existência comprimiu nossa experiência no tempo” (EHRENBERG, 2010, p. 174).

E o mundo do trabalho, que não pode escapar de representar o social, parece estar diante do mesmo esvaziamento de sentido e da mesma estranha força, a ‘força dos laços fracos’, segundo Granovetter (1973 *apud* SENNETT, 2009, p.27), espécie de lugar em que o indivíduo contemporâneo tem de lidar

solitariamente com questionamentos inéditos: “como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?” (SENNETT, 2009, p. 27). “Os dias importam tanto quanto e nada mais que a satisfação que se pode extrair deles. O prêmio que você pode esperar, de forma realística, e trabalhar por obter é um hoje diferente, não um amanhã melhor. O futuro está além do seu alcance” (BAUMAN, 2005, p. 132).

Se até a última década do século XX, o trabalho significava um **meio** para se obterem **fins** estáveis, programáveis e duradouros que poderiam fazer valer a pena toda sorte de sacrifício do presente em nome de um futuro tranquilo, a contemporaneidade experimenta a tarefa de outorgar ao trabalho um novo status, um novo significado já que, diferentemente de outrora, se está diante de uma completa indefinição dos **fins**.

O presente ampliou-se e o futuro sumiu de vista na linha do horizonte. Para tal fato inédito, o passado não se constitui como referência. A experiência da vida não se apoia doravante no que se construiu até aqui coletivamente, mas será, a cada dia com mais afinco, uma tarefa individual, solitária, errática e fragmentada em que o trabalho é alçado a um lugar de centralidade e em torno do qual orbitarão, tal e qual satélites, outras esferas da vida como a identidade, o sentido da existência, as relações familiares, a sociabilidade, o lazer, a liberdade.

A vida humana desde o declínio da fé – seja em algo transcendente ou na realidade – e das grandes narrativas (as maiores narrativas hoje têm 140 caracteres!) tornou-se radicalmente transitória. Tal qual a vida, também o mundo e suas representações sofrem da mesma e radical transitoriedade. “Nada promete duração e subsistência” (HAN, 2015, p.44). Resta o futuro como o inverso de uma utopia, como um lugar ou um estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação: um futuro distópico e isto torna brutal a vida no presente. “Para que a vida seja possível no presente é preciso ser capaz de imaginar não apenas um futuro onde se

possa viver, mas um pouco mais: um futuro onde se queira viver” (BRUM, 2016).

Para este tempo dito líquido (Bauman, 2007) em que habita o homem sem gravidade (Lebrun; Melman, 2005) – liberto de pagar o tributo ao peso do passado – rapidez de adaptação, mudança permanente, flexibilidade psíquica como corporal são imperativos do tipo ‘desenvolva ou pereça’ para os indivíduos na sociedade sujeita à imprevisibilidade do futuro. Não é ao acaso que o esporte e a empresa sintetizam modelos de ação destes tempos: “estas respostas têm tal sucesso porque permitem fazer funcionar uma relação social inteiramente moldada pelo inacabamento” (EHRENBURG, 2010, p. 172). “Cada um deve viver sua vida e ter sucesso nela, já que está sem um mais além político ou religioso” e para isso deve “produzir-se a si mesmo num projeto pessoal” (EHRENBURG, 2010, p. 174).

### **3 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E AS NOVAS COERÇÕES: TRABALHAR É PRECISO**

No lugar da sociedade disciplinar foucaultiana em que os sujeitos da obediência transitavam entre escolas, fábricas, presídios, hospitais, quartéis sob o atento olhar de vigias, instala-se insidiosamente a sociedade do desempenho. Seu mote é a liberdade individual. Seu mantra é ‘mais com menos’. Sua imagem, o cansaço.

O neoliberalismo apresenta-se aqui como a consubstanciação do projeto capitalista em sua forma leve. Nesta perspectiva, afirma-se que “o neoliberalismo é uma forma de vida. Enquanto tal, ele compreende uma nova gramática de reconhecimento e uma nova política para o sofrimento” (DUNKER, 2016c). Isto significa dizer que o sofrimento deixa de ser um obstáculo à produção, ao desempenho e que a equação ‘felicidade é igual a máximo de prazer e mínimo de desprazer’ não mais se aplica. “A forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento”. (DUNKER, 2016c). Para isto, é preciso “encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo

de fidelização recíproca da empresa” (DUNKER, 2016c). Quando tudo é mercado, relações interpessoais são networking. Imagem é marketing pessoal. Cultura é entretenimento. Pessoa é o empreendedor de si mesmo.

Sem espanto,

temos nos esforçado livremente e com grande afincio para alcançar a meta de trabalhar 24X7. Vinte e quatro horas por sete dias da semana. Nenhum capitalista havia sonhado tanto. O chefe nos alcança em qualquer lugar, a qualquer hora. O expediente nunca mais acaba. Já não há espaço de trabalho e espaço de lazer, não há nem mesmo casa. Tudo se confunde. [...] Consumimo-nos animadamente, ao ritmo de *emoticons*. E, assim, perdemos só a alma. E alcançamos uma façanha inédita: ser senhor e escravo ao mesmo tempo. (BRUM, 2016)

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si não estando submetido a ninguém, salvo a si mesmo e isso engendra uma situação totalmente nova que faz coincidir liberdade e coação. Assim, “o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (HAN, 2015, p.29-30) que é mais eficiente que uma exploração do outro, porque caminha *pari passu* com o sentimento de liberdade. É aqui que, coexistindo no mesmo sujeito a figura do explorador e do explorado, experimenta-se uma sensação paradoxal de liberdade que dadas suas características de natureza coercitiva acaba sendo vivida como violência. “Os adoecimentos psíquicos da sociedade do desempenho são precisamente as manifestações patológicas desta liberdade paradoxal” (HAN, 2015, p.30).

“A violência na empresa moderna não é repressiva [...], é principalmente uma violência psíquica, ligada a exigências paradoxais” (GAULEJAC, 2007, p.121). “De um lado, a empresa deseja uma adesão profunda. Do outro, ela pode a qualquer momento significar a seus empregados que ela não tem mais necessidade deles. Para enfrentar esta flexibilidade da ligação, ela favorece a eclosão de uma subjetividade fluida, capaz simultaneamente de se mobilizar maciçamente e de se desinvestir rapidamente” (GAULEJAC, 2007, p. 191).

As consequências psicopatológicas deste funcionamento são a depressão, o esgotamento profissional e a adição ao trabalho. O aparelho



psíquico se comporta como um elástico demasiadamente esticado, como se estivesse impedido de relaxar (GAULEJAC, 2007, p. 222).

#### 4 PARADOXOS E ZUMBIS

No mês de março de 2016, uma vitrine de loja em shopping center de grande circulação em Porto Alegre estampa a seguinte frase: “a arte de viver não distingue o trabalho do lazer”. Em seu blog<sup>1</sup>, a marca carioca de roupas Richards descreve o conteúdo da frase como o elemento que fortalece o contexto da campanha publicitária da nova coleção: *work play work*<sup>2</sup>. Em total consonância com seu tempo, a publicidade ecoa o ‘discurso-mantra’ da sociedade engendrada na era do capitalismo leve em que o corpo se dobra menos sob a máquina; em contrapartida, a alma entrega-se – de bom grado – à exaustão em uma vivência que ultrapassa os muros das organizações e avança sobre as 24 horas do dia, nos sete dias da semana. As evoluções tecnológicas diminuem a fadiga física, mas aumentam a pressão psíquica. “Aquilo que o homem ganhar em tempo, ele o pagará em intensidade; aquilo que ganhar em autonomia, ele o pagará em implicação” (GAULEJAC, 2007, p. 217)

A atualidade faz do paradoxo a figura de linguagem essencial para ilustrar o imaginário de um tempo em que os sujeitos exercitam imperativos aparentemente incompatíveis entre si. Do ócio criativo e das férias produtivas ao *work play*, não parece difícil entender porque os zumbis tornaram-se tão interessantes nas séries de TV, nos games, nos livros desta década. A característica marcante do zumbi é tratar-se de um morto-vivo sem alma o que lhe coloca em uma posição errante e sem palavra. Não está morto tampouco vivo; não articula palavra, então não narra do que sofre e, se sofre, não se queixa. Ele apenas caminha errático e avança sobre o corpo do outro em um ‘sempre mais’ que não se esgota. Não dorme, não chora, não pára. Não sabe que não está vivo. Não sabe que não está morto. Encena o teatro das vidas desta década em que os contrastes se apagaram e as almas (um fardo pesado em um mundo sem substância) estão banidas dos corpos que devem funcionar

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.richards.com.br/mundorichards/making-of-de-vitrine/>. Acesso em 05 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Tradução: Trabalhe, brinque, trabalhe.

à perfeição. Neste caso, como mencionado acima, a arte de viver (ou de não-viver?) é não distinguir o trabalho e o lazer; o trabalhar e o brincar; o ócio e a criatividade; o dentro de si e as redes sociais; o que tem preço e o que tem valor; o que é organização e o que é sujeito; o que é corpo e o que é máquina.

A sociedade disciplinar criou *Frankensteins* – em sua marcha errante e sem fronteiras – e chegou aos fantasmas alienados que vagam da pressão, à descompressão e, então, à depressão. A sociedade do desempenho se identifica no intenso interesse que causam os zumbis “que hoje se tornaram nossa mais próxima normalopatia” (DUNKER, 2016c). Eles são gerados por um desrespeito ao trato dos viventes, pela suspensão da relação de continuidade simbólica entre passado e futuro, pela violação da borderline entre vivos e mortos”. Neste quadro, não se ignora que certas coisas sejam erradas, ou sejam falsas ou ainda injustas, mas... e daí? Para o zumbi, não há consequência de seus atos. A cultura do narcisismo dá lugar à cultura da indiferença. “Zumbis não falam, não se agrupam, apenas repetem sua própria inanidade” (DUNKER, 2016c). São, portanto, uma representação bastante eficaz da privatização crescente da existência (EHREMBERG, 2010, p.181) e da cultura da indiferença; de uma existência em que a palavra não diz, a lei não proíbe e a ação é apenas uma reação imediata a todo e qualquer estímulo.

## **5 IDEOLOGIA GERENCIALISTA E AS PATOLOGIAS DO NOVO MILÊNIO**

Diante de um mundo adverso e fragmentado onde o passado não permite recobrimento de significado para o presente e o futuro se afigura distópico, a gestão, com sua forma pragmática e racional (e seu corolário de abordagem instrumental, utilitarista e contábil das relações entre o indivíduo e a sociedade), se afigura como a forma privilegiada de fazer frente ao solitário trabalho em que se transformou a existência em uma mar de paradoxos. Como resposta o gerenciamento com seus métodos, modelos, processos e procedimentos se apresenta como forma de aplacar a angústia de existir sem referenciais compartilhados. Por isso, “certa concepção da gestão se tornou a ideologia dominante de nosso tempo. Combinada com a emergência de práticas gerencialistas, ela constitui um poder característico da sociedade hipermoderna” (GAULEJAC, 2007, p. 37).

“Sob uma aparência objetiva, operatória e pragmática, a gestão gerencialista é uma ideologia que traduz as atividades humanas em indicadores de desempenho, e esses desempenhos em custos e em benefícios” (GAULEJAC, 2007, p. 40) e seu poder coloca em ação um conjunto de técnicas que capturam os desejos e angústias para pô-los a serviço da empresa (GAULEJAC, 2007, p. 40). Esta ideologia como forma de gestão do poder preocupa-se “não tanto em controlar os corpos, mas em transformar a energia libidinal em força de trabalho. A repressão é substituída pela sedução, a imposição pela adesão, a obediência pelo reconhecimento” (GAULEJAC, 2007, p. 113).

É um tempo em que se consoma uma nova racionalidade que transforma todas as instituições e subjetividades e cuja figura central é ‘o sujeito empresarial’, uma inovação que vincula “diretamente a maneira como um homem ‘é governado’ à maneira como ele próprio ‘se governa’” (DUNKER, 2016b). Experimenta-se uma nova servidão (DUFOR, 2005) que não se instala mais pelo poder da disciplina, da hierarquia e da coerção externa, mas pela adesão voluntária às demandas e injunções paradoxais de realizar-se a si mesmo por meio do alto desempenho e do uso dos dispositivos oferecidos pelas práticas do gerenciamento. “O *manager* emerge como figura ideal do homem que empreende, capaz de assumir riscos, decidir, resolver problemas complexos, suportar o estresse, desenvolver sua inteligência cognitiva e também emocional, pôr todas as suas qualidades a serviço da rentabilidade” (GAULEJAC, 2007, p. 183).

É assim que “gestão de empresa e gestão de si mesmo obedecem às mesmas leis. [...] Cada um é convidado a se tornar o empreendedor de sua própria vida” (GAULEJAC, 2007, p. 190). Uma atitude comercial em relação à própria existência e uma desmedida preocupação com o sucesso são o preço a ser pago pelo emprego do empreendedorismo na vida pessoal. Além disso, a busca pelo sucesso modifica a relação com os outros já que estes perdem sua característica constitutiva de serem outros ‘eus’ para se tornarem simples instrumentos. “Refém de uma teia de juízos de valores, que o inclina para uma atitude planejada e calculada em detrimento de uma vida autêntica, o indivíduo

S.A. pode perder contato com a realidade e com os outros” (EHRENBERG, 2010, p. 202).

Borrado, o limite entre o lado de fora e o dentro torna-se indiscernível levando a que valha, em ambos os lados, a mesma ordem, a saber, a da lógica do desempenho: na vida privada, implanta-se a profissionalização da administração e na vida profissional, busca-se atingir os objetivos de desenvolvimento pessoal (EHRENBERG, 2010, p. 92-93). A vida privada converte-se em empresa e a vida profissional, em via de acesso para tornar-se si mesmo. Em ambas, o indivíduo é levado a crer que é o único responsável pelos resultados obtidos.

Introjetada a ideologia gerencialista, o indivíduo não necessita mais que tal lógica lhes seja lembrada a partir de alguma instância exterior. O discurso *management* é incorporado aos modos de ser e estar no mundo fabricando indivíduos que devem se governar a si mesmos – ultrapassar as metas, atingir objetivos, manter o foco, gestão do tempo, administração de problemas, motivação, autonomia e ambição – e suportar solitariamente o peso das consequências deste funcionamento. São os indivíduos S.A.: cada um é sua própria empresa e está por sua conta e risco em funcionamento.

Um índice dos tempos: os reality shows em que é necessário sobreviver sozinho, pelado e dependendo apenas de seu controle emocional e engenhosidade abundam nos canais da TV fechada e encantam mais, nesta década, do que aqueles onde se pode perscrutar a vida de um grupo de pessoas trancado em algum lugar cheio de câmeras no formato Big Brother.

O autocontrole torna-se um valor supremo diante de si e dos outros; sua demonstração reforça a opressão aprendida sobre si mesmo ao mesmo tempo em que é um signo de força ante o olhar do outro. Controle e gestão introjetados, os indivíduos tornam-se guardiães e multiplicadores da opressão. Muitos, incapazes de sobreviver à própria armadilha, recorrem à analgesia da dor de viver sob tão pesado mandamento.

Entram em cena os medicamentos quando a ilusão do ter e do acumular (em nada mais funciona o ópio) já demonstraram sua incapacidade de oferecer

alívio às dores do capitalismo leve em que o corpo se dobra menos sob a máquina, em contrapartida a alma se entrega à exaustão (por favor, um medicamento que dê-pressão), sem feriados, nem férias de 30 dias; sem horário para receber ligações do chefe ou responder aos e-mails que se acumulam. Do empregado preguiçoso (diante da máquina), passamos ao procrastinador (diante das mil demandas). Ele não está exaurido de suas forças físicas tomadas em ambientes insalubres e em nada ergonômicos; ele está esgotado diante das tantas decisões e soluções criativas que precisa encontrar para dar conta de cenários incertos, fluidos, solitários e nos quais não se aceitam fracassados. Aos quatro ventos, as falas dos indivíduos não calam: 'não concorro com ninguém; concorro comigo mesmo'.

Para tantos riscos, a mesma panaceia: as drogas medicamentosas. A bioquímica sempre frisou que a diferença entre o remédio e o veneno é sua dose. Entre os medicamentos e as drogas, vale semelhante princípio. Uma grande variedade de tipos e usos de medicamentos para dar conta da ansiedade dos estados da alma sob o imperativo da autonomia e para dar um *up* nos exauridos pela corrida do sucesso.

As anfetaminas que entraram no ocaso após os anos 70 retornam à cena, mas agora são representantes da busca pelo corpo magro e forte; da atenção hipervigil que precisa estudar, criar, dançar, namorar, ir à balada; do atleta que complementa o treino.

Se houve um tempo em que o adoecimento no trabalho estava ligado à impossibilidade de dar conta do espaço entre o trabalho prescrito e o real, falamos hoje de um tempo onde o adoecimento emerge da ausência ou desorganização de um quadro de referência institucional que lega ao indivíduo a solitária (e arriscada) tarefa de suportar o peso de suas responsabilidades na organização.

“Exprima-se, assumo-se, seja autônomo, realize-se, seja você mesmo, veja todos os líderes, etc. todos estes slogans são cada vez mais ansiogênicos quando não permitem aos indivíduos realizar a aprendizagem do governo de si” (EHREMBERG, 2010, p. 164)

Cabe ao indivíduo realizar sua aparição na cena social trajando os símbolos do sucesso, portando as distinções oferecidas ao vencedor e comportando-se como a medida de todas as coisas, sem esquecer de levar no bolso as vitaminas, os antioxidantes, os estimulantes e os tranquilizantes que calibrarão sua máquina nesta estranha busca de realizar (no sentido cinematográfico) a si mesmo.

Não à toa, os transtornos da ansiedade, a depressão, os transtornos do déficit de atenção, a hiperatividade, os transtornos de personalidade limítrofe e a síndrome de *Bournout* se tornam os grandes males deste tempo. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade fruto de uma época que vê o desaparecimento da alteridade e o empobrecimento da negatividade (HAN, 2015, p. 14).

O século XX pode ser descrito como uma era bacteriológica, baseada no paradigma bipolar da imunorreação do eu contra a ameaça infecciosa do outro, enquanto que as patologias contemporâneas são neuronais (depressão, transtorno de déficit de atenção), causadas por excessos do próprio eu contra si próprio (WISNIK, 2016). Reside aí o exagero de positividade que caracteriza a sociedade do desempenho desvinculada paulatinamente da negatividade, da proibição, da regulamentação. “O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho. [...] *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade do desempenho” (HAN, 2015, p. 24). Projeto, iniciativa e motivação assumem o lugar da proibição, do mandamento e da lei caros à negatividade da sociedade disciplinar. “Assim, enquanto a antiga sociedade gerava loucos e delinquentes, a atual produz fracassados e depressivos, paralisados por uma sociedade que crê que nada é impossível” (WISNIK, 2016).

O excesso de positividade é também excesso de estímulos, informação e impulsos que modifica a economia da atenção fragmentando-a, destruindo-a e transformando-a em pura inquietação. “E, ao diminuir a atenção profunda, ela [a inquietação] coloca em xeque o lugar social da cultura e do pensamento, que é também, no plano individual, o lugar da constituição do sujeito” (WISNIK, 2016).

As formas de sofrer na contemporaneidade também podem ser entendidas por um “excesso de experiências improdutivas de determinação” em um tempo em que o desempenho, a gestão da vida e as formas de ser e habitar o mundo são pautadas pelo ideal empresarial. O adoecimento característico desta época surge aqui, na “falta de experiências produtivas de indeterminação” que contêm o acaso, o brincar, o estranhamento, a contemplação, o não-sentido (DUNKER, 2016a).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De tal forma estamos impregnados pela ideologia gerencialista que chegamos a afirmar que nossa vida só tem sentido quando pode ser considerada uma vida produtiva. Não há que se escamotear o fato de que é necessária para a maior parte da população a obtenção de seu sustento através do trabalho. Porém, é importante reafirmar que o encantamento com o mundo, sua continuidade e imprevisibilidade, a felicidade imediata, o ócio, o silêncio de um instante têm de nos fazer lembrar que “trabalhamos para poder viver” e não que “vivemos para poder trabalhar”. É fundamental resgatar a existência como uma finalidade *per se*.

Para tal, não há solução simples, nem mágica. “As respostas estão mais do lado da homeopatia: um remédio suave, com paciência e delicadeza, cuja eficácia não é comprovada de uma vez por todas e que exige grande implicação do próprio indivíduo para produzir efeitos” (GAULEJAC, 2010, p. 289).

Por onde começar? Talvez, colocando de lado as prescrições dos *experts*, baixando o volume da música, tomando assento em um transporte coletivo de baixa velocidade ou percorrendo trajetos a pé. Recuperar o sentido da ação, da contemplação, do brincar, de sentir o tempo. Tomar o mundo como inspiração criativa “para desenhar nossos próprios recursos, capacidade e referências” (WOOD, 2010, p. 206) com vistas a encarar o caráter contingente da vida. Ser tolerante com o tédio até que nasça daí um movimento totalmente novo e estranho ao caminhar e suas variações lineares. “A dança, com seus

movimentos revolteantes, é um luxo que foge a qualquer princípio do desempenho” (HAN, 2015, p. 35).

O elemento contemplativo se erige contra a hiperatividade para dar lugar ao ver, ao escutar, ao sentir. “Justamente o oscilante, o inaparente ou o fugidio só se abrem a uma atenção profunda, contemplativa” (HAN, 2010, p. 36). Habituar o olho a um olhar demorado e lento que resiste a reagir imediatamente a um estímulo. Tomar o controle dos instintos, das respostas cegas, das reações imediatas. “A atividade pura nada mais faz do que prolongar o que já existe” (HAN, 2010, p. 53) o que traz mais do mesmo e se opõe à criação do novo. A pobreza de interrupções, de entremeios, de tempos intermédios, de espaços intersticiais demanda que insistamos no valor da pausa, dos lutos e suportemos o tanto de angústia que significa viver sem automatismos e prescrições. “O tempo intermediário é um tempo sem trabalho, um tempo lúdico” (HAN, 2010, p. 77) em que um cansaço fundamental é eloquente quanto àquilo que deve ser deixado de lado.

O cansaço em sua afirmação do que será deliberadamente recusado “habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno. Não é um estado onde todos os sentidos estariam extenuados. Desperta, ao contrário, uma visibilidade específica” (HAN, 2010, p. 73). “O cansaço profundo afrouxa as presilhas da identidade” (HAN, 2010, p.75) e assim fazendo transpõe a rija delimitação frente ao outro o que cria uma atmosfera de amizade profunda e “torna pensável uma comunidade que não precisa de pertença nem de parentesco”.

Trabalhar não é preciso. Viver é preciso.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRUM, E. **Exaustos-e-correndo-e-dopados**. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464\\_246482.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html). Acesso em 04 abril 2016.

DUFOUR, D. **A arte de reduzir cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DUNKER, C. **As transformações do sofrimento psíquico**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Navq-UH04cQ>. Acesso em 13 maio 2016a. Trecho 1:38:08.

DUNKER, C. Disponível em: <http://www.boitempoeditorial.com.br/v3/Titulos/visualizar/a-nova-razao-do-mundo>. Acesso em 18 de julho de 2016b.

DUNKER, C. **O neo-liberalismo e seus normalopatas**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/03/o-neoliberalismo-e-seus-normalopatas/>. Acesso em 9 de novembro de 2016c.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEBRUN, J.P.; MELMAN, C. **O homem sem gravidade**: Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WISNIK, G. **Superocupação improdutiva**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/guilherme-wisnik/2016/03/1747055-superocupacao-improdutiva.shtml#>. Acesso em: 25 julho 2016.

WOOD JR., T; PAULA, A. P. P. O culto da performance e o indivíduo S.A. *In*: EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.